

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

158

INSCRIÇÕES 624-626



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



UMA ARA NO CASTELO DE EVORAMONTE

Ara localizada no castelo de Evoramonte. Foi recuperada pela Sra. Vicki Webber¹, durante os trabalhos de restauro de sua habitação, encontrando-se, atualmente, em sua posse. O monumento está em bom estado de conservação, embora com algumas mazelas superficiais e com desgaste bem notório no campo epigráfico (FIG. 1). De granito amarelado, de grão fino bem consolidado, caracteriza-se por uma cornija ornamentada por dois toros bem demarcados, um deles com uma pequena fratura na face dianteira, e um *foculus* circular, ainda saliente (FIG. 2). O desgaste superficial do fuste liso, nas quatro faces, ainda que com alguns rasgos bem visíveis, não nos permite delimitar com toda a certeza o campo epigráfico, cujas dimensões não deveriam variar muito². São, ainda, perceptíveis duas letras da última linha – IT – levando-nos a crer que a epígrafe terminaria, presumivelmente, com a palavra CVRAVIT, embora não seja comum (aparece, por norma, abreviada). Assim:

¹ À qual deixamos um grande agradecimento por nos ter permitido estudar a ara. Uma palavra de apreço, também, para Inocência Lopes que nos apresentou o local e a proprietária.

² Foi feito um teste fotogramétrico ao monumento, cujo primeiro resultado está patenteado no seguinte sítio: <https://sketchfab.com/models/a675e-c7243864f2499a322009539afd4>. Um especial agradecimento a Gabriela da Rocha pelo trabalho efetuado.

... [F(*aciendum*)] [CVRAV]IT

... *mandou fazer*

Dimensões totais: 63 x 32,5 x 20; cornija: 16 x 31 x 18,5; fuste: 30 x 27,5 x 16,5; base: 14 x 32,5 x 20.

Campo epigráfico: 30 x 27,5.

Destacar, contudo, a identificação de um monumento numa zona que se tem prestado a diversas interpretações: desde logo pela, suposta, localização da antiga cidade, ou *mansio*³, de *Dipo*⁴. Todavia, os vestígios materiais de época romana são escassos, embora tenha sido identificada uma estrutura pétrica, presumivelmente habitacional, durante as escavações que ocorreram no local⁵. Estamos perante um território envolvente bastante *romanizado*, como os dados que a análise do povoamento

³ Há quem defenda que *Dipo* tenha sido uma *mansio* da via XII do Itinerário de Antonino. Neste caso remetemos para: FERNÁNDEZ CORRALES, J. M. (1995), *Tabula Imperii Romani*, Hoja J-29: Lisboa, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.

⁴ Sem querer aprofundar o tema, remetemos para as seguintes referências: ALARCÃO, Jorge de (2001), “A localização de *Dipo* e *Evandriana*”, *Al-Madani*, IIª Série, nº10, pp. 39-42; ALARCÃO, Jorge de (2006), “As vias romanas de *Olisipo* a *Augusta Emerita*”, *Conimbriga* XLV, FLUC, Coimbra, pp. 211-251; ALMEIDA, Maria José de, CARNEIRO, André, RODRÍGUEZ MARTÍN, F. Germán (2011), “De *Augusta Emerita* a *Olisipo*; proposta de traçado para o primeiro troço da via XII do Itinerário de Antonino”, *Arqueologia do Norte Alentejano – Comunicações das 3.as Jornadas*, Edições Colibri/C.M. Fronteira, pp. 193-201; MATALOTO, Rui, WILLIAMS, Joey, ROQUE, Conceição (2014), “... e daí desce a dar-lhe batalha...: a ocupação pré-romana e romanização da região da Serra d’Ossa (Alentejo Central, Portugal), *La gestación de los paisajes rurales entre la protohistoria y el período romano: formas de asentamiento y procesos de implantación*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Mérida.

⁵ COSTA, Teresa, LIBERATO, Marco (2007), “Intervenções arqueológicas no castelo de Evoramonte – Síntese de resultados”, *Vipasca – Arqueologia e História*, nº 2, 2ª Série, pp. 632-642.

rural romano a Oeste da Serra d'Ossa⁶ trouxe à luz. Além dos achados numismáticos, descritos por José Leite de Vasconcelos⁷, nas imediações do castelo, foram identificados diversos vestígios que corroboram a presença romana numa área que se estende a oeste do grande cerro, caracterizada pela sua topografia ondulada: vejamos o caso das manchas de dispersão de Santo Estêvão⁸ e S. Marcos⁹, ou dos achados isolados no *monte* do Chafariz¹⁰ ou em Santa Rita¹¹. Salientar, ainda, a possível passagem da via XII do Itinerário de Antonino, pelo território em questão, que o miliário, reaproveitado na igreja da Nossa Senhora da Conceição, corrobora¹².

RUBEN BARBOSA

⁶ BARBOSA, Rúben (2016), *Rede de povoamento romano a Oeste da Serra d'Ossa*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Évora, Évora.

⁷ VASCONCELOS, José Leite de (1918), “Antigualhas de Evoramonte”, *O Archeologo Português*, XXIII, Museu Etnológico Português, Lisboa, pp. 78-81.

⁸ MACIEL, M. Justino (1998), “Um signo do tetramorfo na Antiguidade Tardia portuguesa”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 12, Edições Colibri, Lisboa, pp. 353-364; A mancha de dispersão foi categorizada como *villa* (vide BARBOSA, *op. cit.*, 2016, p. 168).

⁹ CARNEIRO, André (2014), *Lugares, tempos e pessoas – Povoamento rural romano no Alto Alentejo*, vol. II, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, p. 242.

¹⁰ Foi identificada uma árula de granito acinzentado no topo do Chafariz de Santo Estêvão.

¹¹ Durante os trabalhos de prospeção, não foi identificada qualquer mancha de ocupação, mas, sim, uma *mola* e um peso de lagar reutilizado como bebedouro de animais (vide BARBOSA, *op. cit.*, 2016, p. 169).

¹² IRCP 674 = ENCARNAÇÃO, José d' (1984), *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*, FLUC, Coimbra, p. 732.



1



2

624

Ficheiro Epigráfico, 158 [2017]

ESTELA FUNERÁRIA DE SUL (S. PEDRO DO SUL)
(*Conventus Scallabitanus*)

Em 2005, foi objecto de obras a Capela de Santa Ana, situada na povoação de Aldeia, freguesia de Sul, concelho de S. Pedro do Sul, erigida entre finais do século XVIII e inícios de Oitocentos, mas em data incerta, pois não se conhece documento que o precise. Em 1894, foi construída a torre sineira, possivelmente com um relógio de sol na fachada; mais tarde, certamente já no século XX, foi-lhe colocado um relógio na fachada lateral norte (FIG. 1).

O descasque total das paredes tornou visível, incorporada ao lado direito da porta de entrada do templo (FIG. 2), uma estela funerária romana, que tinha, felizmente, o texto voltado para o exterior. Nem sempre o bom senso prevalece; mas, aqui, os operários houveram por bem – ainda que desconhecendo por completo o significado do que lá estava escrito – considerar ‘sagrada’ a epígrafe e, por isso, a deixaram à mostra. O estudo que venha a fazer-se sobre a história desta capela poderá, eventualmente, trazer novas luzes acerca desta promissora reutilização.

De granito branco acinzentado, de grão médio, a estela apresenta acima da epígrafe uma decoração, se assim pode chamar-se-lhe dado o seu carácter invulgar, constituída por três bandas paralelas, na perpendicular, cavadas, que aparentam ser contemporâneas da gravação, não se vislumbrando qualquer sinal de letras subjacentes. Na verdade, poderia pensar-se na existência da invocação aos deuses

Manes, que teria exactamente três siglas, que assim teriam sido apagadas. Não é crível, porém, essa hipótese: primeiro, porque, como se disse, não subjazem vestígios; depois, porque a inscrição (Fig. 3) é datável dos primórdios do século I da nossa era – pela paleografia e pelo texto (nome do defunto em dativo, como se se tratasse de inscrição dedicatória, ausência de menção da idade e das fórmulas funerárias finais). Trata-se, no fundo, da homenagem póstuma feita pelos filhos a seu pai e eles próprios não se identificam, o que aponta para a simplicidade das epígrafes dessa época.

É plausível que esta não tenha sido a forma original da estela, amputada de todos os lados para melhor se enquadrar no aparelho característico das paredes.

Será este, porventura, o primeiro dado acerca de eventual presença romana no termo desta povoação, uma vez que nada se conhece próximo. Desconhece-se, por conseguinte, donde poderá ter vindo, como mero material de construção.

Dimensões: 68 x 37.

Campo epigráfico: 53 x 37.

CELTIO / CATVR/ONIS · F(*ilio*) / FILI(*i*) F(*aciendum*) ·
C(*uraverunt*)

A Céltio, filho de Caturão – os filhos mandaram fazer.

Altura das letras: 7. Espaços: 1: 5; 2-5: 4; 5: 5.

Note-se a regularidade do conjunto, uma epígrafe bem paginada, com alinhamento à esquerda e à direita, em «caixa», denunciando as serifas do V, por exemplo, a possibilidade de ter havido prévias linhas auxiliares. Gravação feita com goiva. Pontuação de ponto redondo, apenas omissa após FILI.

Caracteres a denotarem tendência para a monumental quadrada, patente na perfeita circularidade do O, nas barras breves e horizontais o T e do E, na verticalidade do I. O A é levemente inclinado para trás e detém travessão curvo côncavo, que corta, graciosamente, a haste da direita, uma forma que ainda não encontráramos na epigrafia lusitana e que tem paralelo no primeiro A que Battle apresenta como

sendo do «abecedário cursivo de Pompeia»¹; o R foi gravado a partir de um P, tendo o granito lascado no momento da gravação; S simétrico, ligeiramente inclinado para diante; na l. 4, a barra superior do F alonga-se para apanhar o vértice do I.

De grande simplicidade, o texto identifica o defunto à maneira indígena: nome único e patronímico. Tanto *Celtius* como *Caturo* são antropónimos muito frequentes na Lusitânia: detectámos, em 2003, cerca de 30 testemunhos de *Caturo*² e 23 de *Celtius*³. José María Vallejo dedica grande atenção ao nome *Celtius*⁴, confirmando a sua predominância no território lusitano. Quanto a *Caturo*, é igualmente um antropónimo aí muito comentado⁵, situando-se na região lusitano-galaica a sua maior área de concentração.

Saliente-se o facto, já referido, de os dedicantes terem querido que, no epitáfio do pai, apenas figurem como “filhos”, sem identificação individual, o que, segundo a pesquisa que fizemos em HEpOL⁶, se enquadra bem na simplicidade dos textos em ambiente indígena dos princípios do século I, uma vez que os defuntos vêm identificados segundo o hábito indígena e com onomástica corrente em território da Lusitânia⁷.

JOSÉ D' ENCARNAÇÃO
JORGE ADOLFO M. MARQUES

¹ BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946. 2ª edição, 1963, p. 9, fig. 1.

² NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antropónimo de la Lusitania Romana*, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) – Bordéus (Ausonius Éditions), 2003, mapa 84, p. 137-138.

³ *Ibidem*, mapa 87, p. 140. Há um mapa de distribuição deste antropónimo na *Hispania*, na revista *Veleia*, 4, 1987, p. 141.

⁴ VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005 – vide índice (p. 763) e, de modo especial, as páginas 274 a 277.

⁵ Vide índice (p. 762) e, de modo especial, as páginas 267 a 271.

⁶ HEpOL = *Hispania Epigraphica on line*, acessível em: <http://eda-bea.es/>

⁷ Sirvam de exemplo as epígrafes que ali vêm mencionadas sob os seguintes números de registo: 140 (*Proculus Pellicus*); 18 183 (*Norbanus Severinus*); 18 967 (*Maelo Bouti f. Taporus*); 20761 (*Vicanus Talabari*); 25 751 (*Sunua Lubaeci*); 26 257 (*Maxumus Muntani*).



1

625



2



3

625

Ficheiro Epigráfico, 158 [2017]

ESTELA DE CILUS EN TRUJILLO (CÁCERES)
(*Conventus Emeritensis*)

Nuestros viajes a la “Muy Noble, Muy Leal, Insigne y Heroica ciudad de Trujillo” no deja de ofrecernos satisfacciones, por cuanto son frecuentes las noticias referidas a la aparición de nuevos documentos epigráficos entre los muros de la vieja ciudad o en colecciones particulares procedentes de las necrópolis de la antigua *Turgalium*. Recientemente, en una de estas visitas a la localidad, departiendo con mi buena amiga, la investigadora Matilde Muro Castillo, me informó de la existencia de una inscripción romana en una casa particular. Gracias a su mediación y buen hacer tuvimos la oportunidad de estudiar la pieza que se encontraba en el zaguán de una vivienda próxima al propio recinto monumental¹.

Se trata de un bloque de granito grisáceo correspondiente al tercio superior de una estela con la cabecera redondeada, decorado con una rosácea o símbolo solar inciso apenas imperceptible por efecto de las abrasiones y de la erosión sufridas a lo largo del tiempo. Presenta numerosos arañazos que se entrecruzan y afectan tanto al texto como a los motivos decorativos, siendo especialmente abundantes en la parte

¹ Mi más profundo agradecimiento a Matilde Muro Castillo por su amabilidad y las buenas gestiones que posibilitaron el estudio de esta inscripción.

superior de la pieza. El neto inscrito está rebajado formando una cartela y solo se conservan tres líneas de texto, de forma nítida la primera, algo más borrada la segunda y prácticamente imperceptible la tercera, de la que solo se adivinan algunos trazos de letras. La rotura afecta al texto que está incompleto.

Dimensiones: (52) x 50 x 17; letras: 6.

CILVS · PISI
RI · F(*ilius*) · H(*ic*) · S(*itus*) · E(*st*)
[-c. 3-4-] S [-c. 3-4-]
-----?

Aquí yace Cilo, hijo de Pisiro, de ... años...

Las letras, que parecen haber sido grabadas a buril y a mano alzada, son capitales muy rústicas e irregulares y la interpunción en punto.

No se puede decir que el grabador hiciera un trabajo de gran calidad, pues la *ordinatio* es muy deficiente y el propio grabado del texto denota la poca destreza del operario que realizó el epitafio.

Solo se han conservado en las dos primeras líneas el nombre del difunto, la filiación y la fórmula funeraria simple. La tercera línea es muy confusa y de difícil interpretación. Parece lo más razonable considerar la continuación de la fórmula funeraria que se inicia al final de la línea anterior. Comienza con un espacio totalmente borrado, donde cabría la S de *s(it)*, seguido de dos trazos verticales correspondientes a las dos T de *t(ibi) t(erra)*. A partir de aquí el texto está muy confuso y apenas puede distinguirse una S en el centro de la línea, que podría formar parte del nombre del individuo encargado de homenajear al difunto.

Sin embargo, tampoco sería descabellado pensar que en el comienzo de esta tercera línea se grabara la expresión de la edad – los dos primeros trazos podrían corresponder a AN enlazadas y después L o I –, a la que seguiría la parte final de la fórmula funeraria; de hecho, la separación entre las letras finales parece apuntar a esta segunda posibilidad. La intercalación de la edad en mitad de la fórmula funeraria

no es una rareza y se repite en la epigrafía de la zona en inscripciones de Escorial² o Logrosán (*CILCC* II, 603), por poner algunos ejemplos.

El empleo de la fórmula funeraria simple está muy generalizado en *Turgalium*, parte de cuyo territorio fue desgajado para incorporarlo como *regio* del territorio emeritense. Corresponde este formulario a inscripciones tempranas, grabadas para conmemorar a individuos de procedencia itálica asentados en estas tierras, o indígenas – como en el caso que nos ocupa – que adoptaron prontamente la costumbre romana de enterrar a sus muertos.

Aunque *Cilius* está atestiguado en Roma y en otras partes del Imperio, no cabe duda de que existió una versión indígena de este nombre en Hispania, cuyos testimonios epigráficos se extienden abrumadoramente por la Lusitania Central³. La epigrafía cacereña constata una especial concentración de este antropónimo en la zona de *Turgalium* y se difumina hacia los territorios de *Norba*, *Caurium* y *Capera*, hasta desaparecer en la zona de *Augustobriga*. Todos los casos documentados en el área mencionada, aparecen en la filiación nunca en el nombre; solo dos ejemplos cacereños, procedentes de las localidades de Brozas⁴ y Valencia de Alcántara (*CILCC* I, 394) aparecen en nominativo y siempre en un ambiente peregrino.

Testimonios *turgalienses* de este antropónimo se documentan en Ibahernando (*CILCC* II, 538), Plasenzuela (*CILCC* II, 637 y 643), Santa Cruz de la Sierra (*CILCC* II, 687 y 693), Trujillo (*CILCC* II, 749, 787 y 811) y Zorita (*CILCC* II, 904), todos ellos varones; y en Abertura (*CILCC* II, 420), Alcollarín (*CILCC* II, 444) y Puerto de Santa Cruz (*CILCC* II, 670), en mujeres. Entre las féminas es frecuente *Cilea*, atestiguado en Santa Cruz de la Sierra (*CILCC* II, 695), Villamesías (*CILCC* II, 894) y Zorita (*CILCC* II, 904).

² ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres II. Turgalium* [*CILCC* II], Cáceres 2012, 506.

³ VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*, Vitoria 2005, 278-281.

⁴ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres I. Norba* [*CILCC* I], Cáceres 2007, nº 95.

El caso más significativo es el de la inscripción de Zorita en la que este antropónimo aparece tanto en el nombre como en la filiación, *Cilea Cili f.*

En cuanto a *Pisirus* es un *cognomen* también indígena exclusivo de Lusitania, salvo unos pocos casos localizados en zonas limítrofes. Sus testimonios epigráficos se concentran abrumadoramente en la provincia de Cáceres y los distritos portugueses de Viseu y sobre todo en el de Castelo Branco⁵. En el área de *Turgalium* solo se constata un caso más procedente de la localidad de Villamesías (*CILCC* II, 875). Un solo caso también se documenta en territorio *Caperense*⁶ y dos en *Caurium*⁷. No han aparecido inscripciones con este antropónimo, por el momento, en *Norba* y *Augustobriga*.

No es fácil establecer una cronología para la inscripción. La onomástica y el esquema onomástico son típicos de un ambiente peregrino. La fórmula funeraria sencilla, como ya se ha señalado, es propia de las inscripciones más tempranas, fechables en la primera mitad o mediados del siglo I d. C.; el desarrollo de la misma nos llevaría a épocas más tardías, en consonancia con la utilización del *cognomen* simple que se va imponiendo avanzado el Imperio.

JULIO ESTEBAN ORTEGA

⁵ ALBERTOS FIRMAT (Lourdes), «La antroponimia prerromana en la Península Ibérica», *Actas del Primer coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica* (Salamanca, 27-31 de mayo de 1974) (Fco. Jordá, J. de Hoz y L. Michelena, eds.), Salamanca 1976, 1976, 84.

⁶ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres III* [*Capera CILCC III*], Cáceres 2013, nº 1090.

⁷ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres IV. Caurium* [*CILCC IV*], Cáceres 2016, nº 1179 y 1226.



626